

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



**Filosofia
Política,
Educação,
Direito e
Sociedade 4**

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-097-1

DOI 10.22533/at.ed.971190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INFLUÊNCIA DE PARADIGMA NA RELAÇÃO ENTRE ESTILOS E ENSINO DE APRENDIZAGEM NA GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Carla Cristina Sousa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9711904021	
CAPÍTULO 2	12
MODELO ESCOLAR DE EDUCAÇÃO PÚBLICA PRIMÁRIA EM MATO GROSSO DURANTE O PERÍODO DE 1930 A 1950	
Silvana Maria da Silva	
Jeferson Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9711904022	
CAPÍTULO 3	20
A ESCOLA RECONHECENDO SEU PODER COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	
Géssica Dal Pont	
DOI 10.22533/at.ed.9711904023	
CAPÍTULO 4	25
A CULTURA VISUAL ESCOLAR E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA	
Luiz Carlos Cerquinho de Brito	
Valdejane Tavares Kawada	
DOI 10.22533/at.ed.9711904024	
CAPÍTULO 5	38
A ACEITAÇÃO PRÓPRIA DA CRIANÇA SURDA ATRAVÉS DA LITERATURA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE EM FREUD	
Bianca Barros Viana	
DOI 10.22533/at.ed.9711904025	
CAPÍTULO 6	51
LAS DISCIPLINAS 'PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS' Y SUS CONTRIBUCIONES A LA FORMACIÓN INICIAL DE PROFESORES DE QUÍMICA EN BRASIL: UN ESTUDIO DE CASO	
Elber Ricardo Alves dos Santos	
Lenalda Dias dos Santos	
Maria Clara Pinto Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9711904026	
CAPÍTULO 7	62
PROFESSOR ARTICULADOR: UMA PROPOSTA DE TRABALHO NA ESCOLA SESI-RS	
Sônia Elizabeth Bier	
Danielle Schio Rockenbach	
Luiza Seffrin Zorzo	
Joice Welter Ramos	
Marta Moraes Bitencourt	
DOI 10.22533/at.ed.9711904027	

CAPÍTULO 8	70
LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE: USO DO “INTERNETÊS” ONLINE LANGUAGE AND TECHNOLOGY: USE OF THE INTERNETÊS	
Eloiza da Silva Gomes de Oliveira Caio Abitbol Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9711904028	
CAPÍTULO 9	78
LUDICIDADE E O BRINCAR: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Nayara Paloma Vieira Galdino Thays Evelin da Silva Brito Kátia Farias Antero	
DOI 10.22533/at.ed.9711904029	
CAPÍTULO 10	82
LUGAR DE ALUNO É NA COZINHA: UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR	
Janaína Moreira Pacheco de Souza Fabrício Nelson Lacerda Carolina Barreiros de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.97119040210	
CAPÍTULO 11	93
“MALA DA LEITURA”: A LEITURA EM MOVIMENTO	
Mariângela Gomes de Assis Elisângela Justino	
DOI 10.22533/at.ed.97119040211	
CAPÍTULO 12	100
MEMÓRIAS DO GRUPO ESCOLAR EUGÊNIO JARDIM: O QUE NOS REVELA SEU “TERMO DE VISITA”?	
Márcia Campos Moraes Guimarães Maria Aparecida Alves Silva Kênia Guimarães Furquim Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.97119040212	
CAPÍTULO 13	114
MÉTODO DA COMPOSTEIRA (<i>BIN METHOD</i>) PARA COMPOSTAGEM DE CARCAÇAS DE ANIMAIS EM CATALÃO	
Marcelo Victor Mesquita Pires Ed Carlo Rosa Paiva Priscila Afonso Rodrigues de Sousa Jupyracyara Jandyra de Carvalho Barros	
DOI 10.22533/at.ed.97119040213	
CAPÍTULO 14	129
MODELO ESCOLAR DE EDUCAÇÃO PÚBLICA PRIMÁRIA EM MATO GROSSO DURANTE O PERÍODO DE 1930 A 1950	
Silvana Maria da Silva Jeferson Santos	
DOI 10.22533/at.ed.97119040214	

CAPÍTULO 15	137
NOMADISMO DIGITAL: AUTONOMIA E MOBILIDADE NA EDUCAÇÃO	
Rozevania Valadares de Meneses César Sandra Virgínia Correia de Andrade Santos	
DOI 10.22533/at.ed.97119040215	
CAPÍTULO 16	149
A MONITORIA NO ENSINO SUPERIOR – AÇÃO E REFLEXÃO DO FAZER DOCENTE	
Faraídes Maria Sisconeto de Freitas Fabiana Helena Silva Valeska Guimarães Rezende da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.97119040216	
CAPÍTULO 17	157
A FORMULAÇÃO DE PROBLEMAS NA APRENDIZAGEM DA PROBABILIDADE CONDICIONADA	
Carla Maria Lopes da Silva Afonso dos Santos Cristina Paula da Silva Dias Maria José Pinto da Silva Varadinov Joaquim Manuel Baltazar Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.97119040217	
CAPÍTULO 18	165
A GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA EM DEBATE: AS PROPOSIÇÕES OFICIAIS E A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
Leila Procópio do Nascimento Valeska Nahas Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.97119040218	
CAPÍTULO 19	184
O CURSO DE HOSPEDAGEM DAS EEEPs DO CEARÁ E A CONTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS EM SEU PROCESSO FORMATIVO	
Maria Lucimar Vieira Ângela Onofre Lima Francisco José Assunção da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.97119040219	
CAPÍTULO 20	196
O CURSO NORMAL DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DA ASSOCIAÇÃO INSTRUTIVA JOSÉ BONIFÁCIO DE SANTOS- AIJB	
Lúcia Tavares Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.97119040220	
CAPÍTULO 21	211
A AVALIAÇÃO DA ORALIDADE EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO	
Flávia Barbosa de Santana Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.97119040221	

CAPÍTULO 22 222

A AVALIAÇÃO OBJETIVA DOS CONHECIMENTOS DE MATEMÁTICA À ENTRADA DO ENSINO SUPERIOR DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS: CONSTRUÇÃO E RESULTADOS DE UM TESTE ESTANDARDIZADO DE CONHECIMENTOS - PMAT

Maria Helena Morgado Monteiro
Maria João Rosado de Sousa Afonso
Fernanda Marília Daniel Pires

DOI 10.22533/at.ed.97119040222

CAPÍTULO 23 230

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE MENINOS E MENINAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL POR MEIO DOS ATOS DE LEITURA TRIANGULADA: EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS

Natalia Ribeiro Ferreira
Marise Marçalina de Castro Silva Rosa

DOI 10.22533/at.ed.97119040223

CAPÍTULO 24 243

O ENTENDIMENTO NO ESPAÇO ESCOLAR SOBRE O CONCEITO DA HOMOSSEXUALIDADE

Joseanne Aparecida Maramaldo Levi

DOI 10.22533/at.ed.97119040224

CAPÍTULO 25 249

EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERCEPÇÃO DE GESTORES DE ESCOLAS PÚBLICAS

Filipe Celestino Girão Nobre
Juliana Campos da Silva
Francisca Bertilia Chaves Costa
July Grassiely de Oliveira Branco
Ana Maria Fontenelle Catrib

DOI 10.22533/at.ed.97119040225

CAPÍTULO 26 260

REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Francine Mendes dos Santos
Itana Nogueira Nunes

DOI 10.22533/at.ed.97119040226

CAPÍTULO 27 266

REDES SOCIAIS E COMPORTAMENTO POLÍTICO VIOLENTO: UMA SÍNTESE DAS AMEAÇAS AOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL

Jonas Modesto de Abreu
Danielle Pereira de Melo

DOI 10.22533/at.ed.97119040227

CAPÍTULO 28 278

RIZOMA E EDUCAÇÃO: GILES DELEUZE E FÉLIX GUATARI, CONTRIBUIÇÕES JUNTO A EDUCAÇÃO

Beatriz Ferrari Westrup
Jocilene Fernandes Cruz
Sibele Guedin Custódio

DOI 10.22533/at.ed.97119040228

CAPÍTULO 29 282

TRABALHO E SER SOCIAL: TRANSFORMAÇÕES E CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Alexandra Queiroga Cavalcante Bezerra

Ana Candida Chagas Alencar

Carmem Maria Vieira de Amorim

Francisco Rivelino Oliveira Nascimento

Geicy Caroline Duarte Caldas

DOI 10.22533/at.ed.97119040229

SOBRE A ORGANIZADORA..... 293

EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERCEPÇÃO DE GESTORES DE ESCOLAS PÚBLICAS

Filipe Celestino Girão Nobre

Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza - Ceará

Juliana Campos da Silva

Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza (FAMETRO), Fortaleza - Ceará

Francisca Bertília Chaves Costa

Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Bolsista FUNCAP, Fortaleza - Ceará

July Grassiely de Oliveira Branco

Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Bolsista FUNCAP, Fortaleza - Ceará

Ana Maria Fontenelle Catrib

Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza - Ceará

RESUMO: A educação sexual é vista dentro da sociedade atual como um componente fundamental de orientação acerca da temática sexualidade. No entanto, muitos mitos e tabus ainda persistem como obstáculos para esse processo educacional. Dentro desse contexto, surgiu a necessidade de compreender as limitações e expectativas dos gestores escolares a respeito da educação sexual. Então, objetivou-se identificar a percepção de gestores de escolas públicas sobre a educação sexual em instituições públicas escolares. Estudo transversal e descritivo realizado em três escolas públicas estaduais de um

município no nordeste do Brasil, com gestores escolares, dentre esses, três diretores e três coordenadores. Os dados foram coletados por meio entrevista semiestruturada a partir de um roteiro previamente estruturado. Após a realização dessa, as falas foram transcritas e analisadas a partir de três categorias temáticas: 1) Atuação dos profissionais do Programa Saúde na Escola; 2) Envolvimento da família na orientação acerca da sexualidade dos alunos; 3) (Des)preparo dos professores para lidar com a sexualidade dos alunos. A partir dessas percebeu-se que apesar dos desafios acerca da temática sexualidade existe uma participação por parte dos profissionais que atuam no Programa Saúde na Escola, mesmo que não constante, bem como dos próprios professores que mesmo sem um preparo específico contribuem para uma verdadeira educação. Ressalta-se ainda, como essencial, o envolvimento família e profissionais da educação diante da orientação acerca da sexualidade, haja vista que escola e família devem caminhar juntas para que não ocorra uma duplicidade de discursos e atitudes. **PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Educação Sexual. Sexualidade.

ABSTRACT: Sexual education is seen within today's society as a fundamental component of guidance on the issue of sexuality. However, many myths and taboos still persist as obstacles

to this educational process. Within this context, the need to understand the limitations and expectations of school managers regarding sexuality education has arisen. The purpose of this study was to identify the perception of public school administrators about sex education in public school institutions. Cross-sectional and descriptive study carried out in three state public schools of a municipality in the northeast of Brazil, with school administrators, among them, three directors and three coordinators. Data were collected through a semi-structured interview based on a previously structured script. After this, the speeches were transcribed and analyzed from three thematic categories: 1) Professional performance of the Health Program in the School; 2) Involvement of the family in the orientation about the students' sexuality; 3) (Un) preparation of teachers to deal with students' sexuality. From these, it was noticed that despite the challenges regarding the sexuality theme, there is a participation by professionals who work in the Health Program at School, even if not constant, as well as by the teachers themselves who, even without a specific preparation, contribute to a true education. It is also important to emphasize the family and professional involvement of education in the face of sexuality orientation, since school and family must move together so that there is no duplication of speeches and attitudes.

KEYWORDS: Education. Sex education. Sexualidad.

1 | INTRODUÇÃO

A educação sexual é tida como um processo básico e fundamental de aprendizagem da sexualidade podendo ocorrer em diferentes contextos ao longo do nosso desenvolvimento. Dessa forma, a sociedade contemporânea encontra-se ciente da importância de uma abordagem acerca de questões referentes a sexualidade, principalmente na fase da adolescência, pois se observa que nesse período ocorre um grande quantitativo de transformações físicas e psicológicas que tornam a mobilizar a esfera emocional juvenil. Diante desse fato, o adolescente precisa receber informações e orientações acerca da anatomia e fisiologia do seu aparelho genital, além de métodos de prevenção de doenças e de contracepção (BRILHANTE; CATRIB, 2011).

A sexualidade em seu sentido amplo é caracterizada como algo construído e apreendido socialmente. Compreende-se sua amplitude, e ainda sua complexidade, como algo essencial para o desenvolvimento da personalidade de um indivíduo (COSTA et al., 2014). Assim, à educação sexual, enquanto processo educativo, engloba o desabrochar do caráter do sujeito, enquanto ser sexuado, objetivando de forma primordial o desenvolvimento psicosssexual da criança e do adolescente, visando à fase adulta. Desarte, a prática da educação sexual pode e deve ajudar os jovens a se conhecerem, bem como a compreenderem e respeitarem-se (BRILHANTE; CATRIB, 2011).

Dentro desse contexto, emerge a necessidade de fomentar essa educação aos adolescentes por intermédio, principalmente, de instituições escolares, pois esses raramente procuram por informações dessa temática em serviços de saúde.

Identifica-se que no século XX, a saúde em instituições escolares no Brasil vivenciou uma evolução técnico-científica, modificando o contexto tradicional, da biomedicina, para a estratégia, Iniciativa Regional Escolas Promotoras de Saúde, um diálogo com diferentes olhares, oriundo no final da década de 80, como elemento de mudanças conceituais, bem como metodológicas, que admitiram o termo promoção da saúde, estendendo-o as instituições escolares (IPPOLITO-SHEPHERD, 2003).

A Escola Promotora de Saúde trata-se de uma articulação entre educação, saúde e sociedade, uma estratégia de promoção da saúde em âmbito escolar com enfoque na integralidade, apresentando três componentes: a educação para a saúde de forma integral; a elaboração e manutenção de espaços físicos e psicossociais saudáveis; e ainda a oferta de serviços de saúde, alimentação saudável e vida ativa (FIGUEIREDO; MACHADO; ABREU, 2010).

A prática defendida e orientada pelo Ministério da Educação dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais refere que a saúde se encontre como um eixo transversal ao currículo escolar. As orientações consideram as instituições escolares parceiras da família e sociedade na promoção da saúde infanto-juvenil, encarregando a escola de uma corresponsabilidade de orientação do sujeito em todos os níveis de aprendizagem (DINIZ; OLIVEIRA; SCHALL, 2010).

Dessa forma, as diversas disciplinas ministradas no ambiente escolar precisam atentar-se para a questão da sexualidade e da educação sexual. Entretanto, o corpo de professores deve está qualificado para implementar esse processo educativo. Isso indica que os/as interlocutores dessa ação pedagógica, de forma específica, os docents de cada instituição de ensino, precisam de fundamentação teórica e didática coerentes com as demandas estudantis (QUIRINO; ROCHA, 2012).

Harada (2003) refere que o profissional de saúde tem papel fundamental na Escola Promotora da Saúde, por apresentar diversas ações: promover, na atenção à saúde de forma individual, na comunidade, em ações de educação em saúde, o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades que reflitam estilos de vida saudáveis; estimular a participação efetiva da sociedade na construção da cidadania, na transformação de seu espaço, na conquista da equidade social e em saúde, de modo que os sujeitos possam transformar ativamente seu ambiente e assim adquirir uma melhor a qualidade de vida.

Neste contexto surgiram as seguintes questões: Quais são as ações realizadas pela escola relacionadas a educação sexual? Como a escola se articula com a família para trabalhar as questões da educação sexual? Como os gestores compreendem a educação sexual na escola?

Dentro desse contexto, esses questionamentos levaram a necessidade de compreender as limitações e expectativas dos gestores escolares a respeito da educação sexual. Assim, objetivou-se identificar a percepção de gestores de escolas públicas sobre a educação sexual em instituições públicas escolares.

2 | MÉTODOS

Para aprofundar o conhecimento das concepções dos gestores das escolas públicas em relação à educação sexual optou-se pela utilização de um estudo transversal, descritivo e de abordagem qualitativa, uma vez que os dados foram coletados em um único momento, e descritivo já que objetivou-se identificar e conhecer uma realidade.

À análise e à interpretação na perspectiva de pesquisa qualitativa não têm como finalidade contar opiniões ou pessoas. Seu foco é, principalmente, à exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar (MINAYO, 2013).

O estudo foi realizado em três escolas públicas estaduais, sendo uma de tempo integral, de um município com menos de 40 mil habitantes no nordeste do Brasil, estando, portanto, submetidas às mesmas influências sócio-demográficas. Essas escolas possuem alunos adolescentes, com idades compreendidas entre 14 e 18 anos.

Inicialmente foram realizadas visitas as escolas estaduais existentes no município, no total de três escolas públicas, com o objetivo de esclarecer aos gestores, entre eles diretores e coordenadores, os objetivos e métodos da pesquisa, assim como, recrutá-los para a participação nesta pesquisa. Nesse momento, identificou-se os participantes acessíveis, dispostos a colaborar. Sendo essas pessoas convidadas pessoalmente pelo entrevistador, sendo acordado o melhor momento para a realização de uma entrevista.

Assim, foram definidos como participantes deste estudo os diretores das três escolas, bem como um coordenador de cada escol. Foi critério de inclusão o fato do participante ser o diretor ou coordenador da escola. E como critério de exclusão a recusa de diretores e/ou coordenadores em participar da pesquisa.

Foram realizadas no total seis entrevistas semiestruturadas, três com os diretores (um de cada escola estadual do município) e três com os coordenadores (um de cada escola estadual do município). O número de entrevistas foi limitado por saturação da população, não havendo mais escolas estaduais no município estudado.

O instrumento de coleta de dados foi um roteiro previamente estruturado para à entrevista. No momento de cada entrevista as falas foram gravadas com autorização prévia dos entrevistados mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após à entrevista foi realizada a transcrição na íntegra das falas. Depois de transcritas, os discursos passaram por uma conferência de fidedignidade. Como utilizou-se a técnica de análise de discurso, as entrevistas não foram editadas.

Após a realização das entrevistas, de exaustiva transcrição das falas e organização dos registros, passou-se à interpretação qualitativa dos dados. Os dados foram analisados e surgiram três categorias temáticas, segundo Minayo (2013): 1) Atuação dos profissionais do PSE na escola; 2) Envolvimento da família na orientação acerca da sexualidade dos alunos; 3) (Des)preparo dos professores para lidar com a sexualidade dos alunos.

Para Duarte (2004) analisar entrevistas é tarefa que exige muito cuidado com a interpretação, a elaboração de categorias e, principalmente, de debruçar-se sobre o material empírico identificando elementos que confirmem as hipóteses do seu estudo.

Conforme as recomendações da resolução 466/12, referente aos aspectos éticos, foram obedecidos para se proceder com a investigação junto a esses informantes, estando assim baseada em diretrizes e normas regulamentares de pesquisas que envolvem seres humanos no território brasileiro (BRASIL, 2013).

Como forma de garantir o anonimato para os participantes adotou-se a letra D para director e C para coordenador, acrescido do numeral 1, 2 e 3, correspondentes aos participantes do estudo.

Ressalta-se que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética com o parecer nº 435/2011.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levando em conta os elementos integrantes do contexto em que foram produzidas, as categorias conceituais e os guias de análise, os achados foram analisados mediante reflexão da linguagem de cada entrevistado. Teve-se a cautela de preservar e avaliar não apenas sua estrutura, mas relacionando essa com seu contexto.

Diante dos achados foram estruturadas as seguintes categorias temáticas abordadas a seguir: Atuação dos profissionais do Programa Saúde na Escola (PSE); Envolvimento da família na orientação acerca da sexualidade dos alunos; Despreparo dos professores para lidar com a sexualidade dos alunos.

3.1 Atuação dos profissionais do Programa Saúde na Escola (PSE)

Alguns diretores e coordenadores citaram além do Programa Saúde na Escola, o Projeto Saúde e Prevenção na Escola (SPE) como forma para se trabalhar a educação sexual no espaço escolar. Eles associaram o Programa Saúde na Escola e o SPE como medidas preventivas e de promoção da saúde, por meio do ensino e o repasse de informações, principalmente voltadas para a educação sexual.

Bom, nós temos o programa né, que é o PSE, que trabalha principalmente uma das temáticas é o PSE... e o projeto saúde preventiva e assim, a gente tem trabalhado muito essa questão da educação sexual porque a gente vê que o jovem ele tem muitos anseios, tem muitas dúvidas, muitas indagações (D3).

Bom, a gente tem um projeto, que é até do governo também, que é trabalhado pelos municípios, que é o Programa Saúde na Escola, prevenção e saúde na escola, que dentro desse programa a gente também trabalha esse assunto que é educação sexual, isso envolvendo as doenças sexualmente transmissíveis, e todas essas questões relacionadas a educação sexual (D2).

O Programa Saúde da Escola foi criado pelos Ministérios da Educação e da Saúde para estabelecer ao território escolar uma deliberação proveitosa de produção de saúde (BRASIL, 2007). Ou seja, possível graças a incorporação e deliberação de

uma política intersetorial entre esses ministérios, na perspectiva de estratégias de atenção integral à saúde de alunos da educação básica pública do Brasil (FERREIRA et al., 2012).

O PSE é uma oportunidade de estabelecer e manter um vínculo, pautado na corresponsabilização e em uma postura de confiança, entre adolescentes e profissionais da saúde, pois esse laço ainda é bastante limitado (SANTIAGO et al., 2012).

Mas para isso, de acordo com recomendações do PSE, as equipes de profissionais, de forma específica, os componentes da estratégia saúde da família devem realizar visitas periódicas e contínuas às escolas, para avaliarem as condições de saúde dos estudantes para que possam proporcionar um atendimento à saúde ao longo de todo o ano letivo, conforme as necessidades locais (FIGUEREIDO; MACHADO; ABREU, 2010).

Entretanto, segundo o depoimento de uma das coordenadoras, os profissionais de saúde quase não iam à escola.

Assim, a saúde hoje ela está mais presente na escola, mas eu acho que ainda tem muito o que se fazer, muito o que se fazer. Porque assim, eu acho que até hoje se trata de fatos, não se trata de prevenção. Acho que ainda falta muito a gente fazer projetos em cima de prevenção e não de fatos. A saúde só cuida depois que as coisas viram fatos (D3).

Então, a secretaria de educação municipal, ela também já tem um projeto que é o prevenção e saúde na escola, o PSE. Dentro desse projeto eles tem uma programação, uma vez por ano eles veem aqui na escola (C2).

As vezes a gente, quando a gente sente necessidade na escola de repente de estar tratando algum tema, a gente procura a secretaria de saúde, ou alguns parceiros que a gente conhece, a gente mora em um município em que muitas pessoas se conhecem, então, as vezes a gente conhece algum profissional da saúde, a gente convida. Quando tem também os programas que eles nos procuram, a gente abre o espaço para que isso seja feito (C3).

O Projeto Saúde e Prevenção na Escola tem como sua apoiadora a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Apresenta-se como um marco que integra saúde-educação, destacando o ambiente escolar como o melhor espaço para a articulação das políticas referentes aos adolescentes, principalmente por que contar com a participação dos vários atores nesse processo: estudantes, famílias, profissionais da educação e saúde, objetivando reforçar a promoção da saúde de estudantes brasileiros e construir uma cultura de paz no ambiente escolar (BRASIL, 2009).

Bom, a ação começa com um projeto, o SPE, Saúde e Prevenção na Escola, que a gente anualmente estabelece nossos planos de ações, nesse foco, saúde e prevenção e essas ações contemplam a questão da prevenção, da orientação dos nossos alunos quanto questões que nos afetam (D1).

Então assim, a gente é muito um laboratório para os profissionais de saúde daqui do município, porque eles vem mostrar um trabalho que eles estão fazendo e a

gente... como a gente tem a cultura de estar sempre aberto a novas experiências, eles gostam muito de vir pedir pra dar palestras, a gente as vezes não tem nem que ir atrás, eles mesmo querem trazer a palestra (D2).

Esse é um desafio. Acho que hoje é um dos maiores desafios da escola. É articular com a saúde para que esse profissional venha para cá. Então assim, quando solicitado, veem. Existe também um grupo de trabalho do SPE no município e eles veem para atividades pontuais, mas eu acho que eles deveriam vir mais para a escola (C1).

Bem, as ações que são vindas da esfera estadual, que são as ações do SPE e da esfera municipal também que a gente sempre participa, aí essas geralmente são a secretaria de educação em conjunto com a secretaria de saúde que se articulam, e a escola sempre que convidada participa e eles sempre que agendam tem acesso a escola pra estarem fazendo (C3).

As iniciativas do SPE e do PSE compreendem a promoção à saúde e da prevenção de agravos, assim como também se aproximam da dimensão da sexualidade e saúde reprodutiva. As ações de saúde direcionadas aos estudantes são fundamentais, pois a adolescência trata-se de um período de transformação e crescimento em que esse ser precisa fazer diferentes ações para efetuar sua passagem da fase infantil à vida adulta, mediadas por conflitos e mudanças de comportamento (GIACOMOZZI et al., 2012).

3.2 Envolvimento da família na orientação acerca da sexualidade dos alunos

A categoria conceitual envolvimento da família na orientação acerca da sexualidade dos alunos apareceu nos relatos dos diretores e coordenadores designados pelos seguintes qualificativos substantivados:

A questão de trabalhar família, você sabe que é um discurso da escola que a família tem que está dentro da escola, mas esse discurso ainda está longe de acontecer. A gente de todas as formas tenta trazer a família para a escola, mas acho que a escola ainda não se preparou ainda pra falar pra família sobre a educação sexual (D3).

Essa articulação ainda acho assim, pouca. É muito difícil a gente conseguir trazer a família para tratar de assuntos relacionados ao aluno, imagine quando a gente coloca outros assuntos. Então o que a gente faz sempre que possível em reuniões de pais, se a gente ver que tem uma temática pra gente falar sobre determinada coisa que está acontecendo na escola, a gente toca (C3).

Notoriamente, trabalhar em conjunto com a família para promover a educação sexual dos alunos, parece ser um grande desafio dos diretores e coordenadores das escolas estudadas. Para eles, a reunião mensal não é suficiente para a instrução desses pais como tutores da orientação sexual dos seus filhos, sendo necessário a criação de meios para integrar cada vez mais a família com a escola.

Entendemos que todo o interesse de diferentes pesquisadores e dos próprios pais ao redor da família nos indica que ela continua sendo a célula fundamental da sociedade, a matriz do desenvolvimento psicossocial de seus membros e a que

determina a esses o cunho da individualidade (SALOMÃO, 2013).

A família e a escola possuem papéis diversificados, mas complementares, na orientação dos jovens, no entanto sem uma substituir a outra. A escola complementa o que é iniciado em sua casa, fechando lacunas, lutando contra os preconceitos, orientando o respeito pelo corpo e pelos sentimentos (FONSECA, 2004).

Assim, no ambiente escolar para uma melhor exploração dessa temática para os adolescentes é essencial que se desfaça de preconceitos e que exista um diálogo aberto, democrático e livre de coerções. Ressalta-se ainda que a família e profissionais da educação e/ou saúde devem abordar essa temática levando em conta as dimensões mais próximas do ser juvenil, aquelas ligadas à afetividade, autonomia, respeito. (COSTA et al., 2014).

A questão familiar diante da vida sexual dos filhos apresentou uma certa distância entre ambos (BRÊTAS et al., 2011). Em alguns casos, ocorre a substituição do papel da família pela direção da escola, que atua como orientador das dúvidas e anseios dos alunos:

E eu acho que a gente precisa, enquanto escola de modo geral, sistema, ainda se preparar muito pra atender essa questão de como tratar com as famílias sobre educação sexual. Pra você ter uma ideia, as meninas aqui me procuram quando elas...o que elas têm que fazer pra saber se estão grávidas (D3).

Bom, além das reuniões mensais periódicas, que foca sobre todas as questões, essa é uma questão. Via esse acompanhamento, os problemas identificados mais graves de saúde, esses pais são chamados até a escola, existe acompanhamento individual também, pra gente fazer essa orientação e chegar com a família pra identificar (D1).

Apesar de serem os primeiros agentes de educação sexual, diversos estudos revelam que muitos pais confrontam-se com dificuldades e contradições em abordarem assuntos acerca de sexualidade para com seus filhos, muitas vezes devido a falta de conhecimento e dificuldade em usar um vocabulário adequado, evidenciando desconfortos de origem cultural e educacional (COSTA et al. 2014).

Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) referenciam a importância de se implantar uma educação sexual emancipatória no contexto familiar e ainda escolar, para que os jovens se responsabilizem por seu corpo e sua sexualidade com comportamentos saudáveis, livres de culpas e medos. No entanto, tanto a escola quanto a família encontram-se em um papel de omissão, os pais por desconhecerem a melhor forma de realizarem um diálogo aberto e verdadeiro com seus filhos, e a escola por não ter uma estrutura eficaz capaz de eliminar os anseios dos adolescentes diante dessa temática.

3.3 (Des)preparo dos professores para lidar com a sexualidade dos alunos

Esta categoria conceitual envolve uma dualidade, um contraste. Foi relatado que, para os professores, tratar do assunto educação sexual com os estudantes é ainda

muito inibidor, que existe ainda um certo pudor, que existe o medo, os tabus, receio e despreparo. Em contrapartida, alguns coordenadores e diretores acreditavam que os professores possuíam envolvimento total, sem nenhuma resistência, pois esses sempre buscavam um esclarecimento e um preparo.

Como eu acabei de dizer, ainda é muito inibidor. Os professores ainda têm um certo pudor de falar de algumas coisas. Não se fala, por exemplo, sobre essa questão do homossexualismo porque tem medo de magoar alguém, não se fala sobre a prostituição contra a mulher, e eles tem alguns tabus realmente, não se fala sobre masturbação porque é feio (D3).

Assim, tem muitos professores que eles conseguem, tem mais facilidade. Uma maioria não. Uma maioria ainda tem muito receio, pudor, despreparo, tem vergonha, não se sente à vontade com o tema em si. Então assim, alguns a gente consegue montar essas atividades, outros não (C1).

As concepções dos professores não são homogêneas. A cultura nacional e religiosa, o gênero e as habilitações desenvolvidas nas universidades, o tempo de serviço profissional e formação específica em educação sexual influenciam representações sociais e sistema de valores, ocasionando divergências de opiniões e práticas relacionadas a temática sexualidade (DIAS, 2013).

Entretanto, o tema educação sexual persiste como um tabu. Os professores não recebem treinamento para lidar com um assunto tão complexo e, para a maioria das pessoas, delicado (BRILHANTE; CATRIB, 2011).

Os professores não têm nenhuma resistência com relação a isso não. Eles sempre se propõem a realizar. Quando eles se sentem meio inseguros de não dominar muito o assunto, eles buscam se esclarecer e se prepararem. A gente conta aqui com um grupo de professores sempre muito aberto pra trabalhar esses temas (C2).

Total. Eles veem, assim como eu também, a importância que isso tem. Até pra gente poder, dentro da nossa própria escola, tá criando, tá desenvolvendo preceitos éticos necessários pro bom andamento, pra boa convivência da escola (D2).

A *World Health Organization* (WHO, 2006) referencia que é fundamental uma formação específica para docentes nessa área, pois existe impacto de suas competências pessoais e profissionais na eficiência de projetos de educação sexual. Dessa forma, motivação para a temática, conforto na abordagem de assuntos referentes à sexualidade, facilidade na comunicação com os estudantes e competências na utilização e implementação de métodos de ensino participativos são algumas características essenciais a boas práticas de ensino e orientação.

Ainda, segundo Dias (2013), possuir formação específica confere aos professores percepção de competência e conforto na abordagem das temáticas e favorece o seu envolvimento nas práticas de educação sexual.

4 | CONCLUSÃO

A partir das categorias temáticas percebeu-se que apesar dos desafios acerca

da temática sexualidade existe uma participação por parte dos profissionais que atuam no Programa Saúde na Escola, mesmo que não seja de forma constante, para a promoção da saúde sexual de adolescentes, bem como dos próprios professores que mesmo sem um preparo específico contribuem para uma verdadeira educação.

Os gestores escolares compreendem a importância das ações desenvolvidas dentro desse programa no âmbito escolar para o contexto dos adolescentes, consideram que essas são essenciais para o processo de tomada de decisões certas por parte desses frente a sexualidade.

Destaca-se ainda dentro dessa percepção o importante envolvimento familiar diante da orientação acerca da sexualidade, haja vista que escola e família devem caminhar juntas em relação a essa temática para que não ocorra uma duplicidade de discursos e atitudes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. **Saúde na Escola**. Brasília: Ministério da Saúde; 2009.

BRASIL. Presidência da República. Poder Executivo. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. 2007; 5 dez.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União** Nº 12. Seção 1. Página 59. 13 de junho de 2013.

BRÊTAS, J. R. S. et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p.3221-3228, 2011.

BRILHANTE, A.V.M.; CATRIB, A.M.F. Sexualidade na adolescência. **FEMINA**, v. 39, n. 10, p. 504-509, 2011.

COSTA, M. A. et al. Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. **Rev Enferm UFSM**, v. 4, n. 1, jan./mar., p. 123-132, 2014.

DINIZ, M. C. P; OLIVEIRA, T. C; SCHALL, V. T. Saúde como compreensão de vida”: avaliação para inovação na educação em saúde para o ensino fundamental. **Rev. Ensaio**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.119-144, jan-abr., 2010.

FERREIRA; I.R.C. et al. Diplomas Normativos do Programa Saúde na Escola: análise de conteúdo associada à ferramenta ATLAS TI. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 3385-3398, 2012. DOI: 10.1590/S1413-81232012001200023

FIGUEIREDO, T. A. M; MACHADO, V. L. T; ABREU, M. M. S. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 15, n. 2, p. 397-402, 2010.

FONSECA, H. Abordagem Sistêmica em Saúde dos Adolescentes e suas famílias. **Rev Adolescência e Saúde da UERJ**. v. 1, n. 3, p. 6-11, 2004.

GIACOMOZZI, A. I. et al. Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/

saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis. **Saúde soc.** [online]. 2012, v. 21, n.3, p. 612-622. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000300008&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-1290. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902012000300008>. Acesso em: 20 set. 2014.

GONÇALVES, R.C; FALEIRO, J.H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **HOLOS**. v. 5, ano 29, p. 251-263. 2013.

HARADA J. Introdução. In: Sociedade Brasileira de Pediatria. **Escola promotora de saúde**. Brasília: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2003.

IPPOLITO-SHEPHERD J. A promoção da saúde no âmbito escolar: a iniciativa regional escolas promotoras de saúde. In: Sociedade Brasileira de Pediatria. **Escola promotora de saúde**. Brasília: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013

QUIRINO, G. S.; ROCHA, J. B. T. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, Curitiba. n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012.

SALOMÃO, R. et al. Sexualidade do adolescente na percepção dos pais, sob a perspectiva de Foucault. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. v. 15, n. 3, p. 609-18. 2013. DOI: 10.5216/ree.v15i3.20978.

SANTIAGO, L. M. et al. Implantação do Programa Saúde na escola em Fortaleza-Ce: atuação de equipe da Estratégia Saúde da Família. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 65, n. 6, p. 1026-1029, dez., 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-716720120006000020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-097-1

